

Rainhas, espiãs e soldados: a história das mulheres etíopes nas atividades militares¹

Artigo de Tseday Alehegn

Bacharel em Biologia Humana e Mestre em Educação e Estudos de Gênero pela Universidade de Stanford (Califórnia, EUA). Autora da Tese *Educação Superior na Etiópia: Argumentação para um Terceiro Nível Educacional para as Mulheres enquanto Ferramenta do Desenvolvimento Nacional*. É pesquisadora na área de Saúde Feminina e dos Direitos Humanos, assim como da História das Mulheres da Etiópia. É co-fundadora e membro da direção da revista eletrônica *Tadias* - <http://www.tadias.com> - voltada para a comunidade etíope radicada nos EUA. E-mail: tseday@tadias.com

Tradução de Maurício Waldman

Professor da Disciplina Geografia da África - tópico especial - no Instituto de Geociências da UNICAMP. Pós-Doutorando UNICAMP, Bolsista do CNPq e Conselheiro do Centro Cultural Africano (SP). Tradutor de *O Ecologismo dos Pobres* (Joan Martinez Alier, castelhano/português) e de *50 Grandes Filósofos* (Dianné Collinson, inglês/português, com Bia Costa). Site pessoal: www.mw.pro.br. E-mail: mw@mw.pro.br

¹ Artigo originalmente publicado em língua inglesa sob o título *Queens, Spies, and Servants: A History of Ethiopian Women in Military Affairs*, na revista eletrônica *Tadias*: <http://www.tadias.com>. Em consideração a prerrogativas da autora, este texto, traduzido para o Português do Brasil (PB), não pode ser indexado a nenhum outro veículo de informação em língua portuguesa. Copyright© 2003 TADIAS.

A literatura histórica da Etiópia é abundante em crônicas de guerra e relatos de perícia militar. Nós etíopes, a medida em que nos tornamos adultos, somos insistentemente ensinados a respeito das virtudes da honra e dos nossos deveres, que tem outorgado soberania à nação, geração após geração.

Um número incontável de narrativas retratando a memorável e decisiva vitória na Batalha de Adwa², permanece orgulhosamente fresca no âmago dos nossos corações e mentes. Um sentimento que somente pode ser sobrepujado pela determinação dos heróis que colocaram ponto final na ocupação italiana da Etiópia durante a IIª Guerra Mundial.

Neste sentido, eis como no Século XVII Almeida³ escreveu a nosso respeito: “Desde crianças, eles [os etíopes] são educados para a guerra; na guerra eles crescem e se tornam adultos; ademais, a vida de todos aqueles que não são agricultores é a guerra”⁴.

A ênfase nas virtudes militares torna-se mais compreensível quando se reconhece que esta foi a única forma que os etíopes encontraram para combater seus inimigos externos. Desde tempos muito recuados, tanto mulheres quanto homens foram encorajados a participar na mobilização e nos preparativos bélicos.

Comentando a atmosfera que permeou a Batalha de Adwa em 1896, o historiador G. F. Berkeley observou que o exército etíope não era organizado qual mero segmento da população. Era muito mais uma comunidade que se integrava por inteiro nas lides guerreiras como parte das suas atividades cotidianas. Certificando, ele acentua que “não se tratava de um exército diante de uma invasão, mas dantes, o deslocamento de um grupo inteiro de pessoas”⁵.

Ninguém era deixado para trás. Enquanto serviam como soldados, os homens traziam consigo suas esposas. Estas por sua vez envolviam-se nas batalhas tanto na condição de civis participantes quanto de militares combatentes. Assim, os direitos, títulos e honrarias reclamados pelos homens por seu desempenho na guerra, também estão facultados às mulheres.

² A *Batalha de Adwa*, também conhecida como *Adowa* e eventualmente na forma de *Adua*, em língua italiana, foi travada em 1896 entre a Etiópia e a Itália próximo à cidade de mesmo nome, na província do Tigray, situada no Norte da Etiópia. A vitória etíope garantiu a independência do país, único na África e um dos poucos do IIIº Mundo que permaneceu livre da dominação colonialista. Mais tarde, em 1935-36, os fascistas italianos invadiram o país a pretexto de vingar a derrota de Adwa, ocupando-o até 1941, quando foram expulsos pelos britânicos e pela resistência etíope (Nota do Tradutor - NT).

³ Referência a Manuel de Almeida (1580-1646), jesuíta português que se notabilizou por suas viagens à Etiópia, assim como pela construção de igrejas e monastérios nas ilhas do Lago Tana. Em 1622, atuou como embaixador, permanecendo na Etiópia até 1632. Autor da obra *História da Etiópia* e diversos textos onde registra suas impressões a respeito deste país (NT).

⁴ Pankhurst, R. *A Social History of Ethiopia*. Addis Ababa University Press. 1990.

⁵ Berkeley, G.F. *The Campaign of Adwa and the Rise of Menelik*. 1969.

Na Etiópia, às pessoas do sexo feminino tradicionalmente não se permitia herdar terra. Isto, a menos que o pai morresse antes da filha se casar ou então, caso não existissem herdeiros do sexo masculino no seio da família⁶. Por outro lado, as mulheres tornavam-se habilitadas a reclamar propriedades quando serviam no esforço de guerra. Assim, por caminhos inusuais, a habilidade das mulheres em participar na linha de frente suscitou, deste modo, mudanças relativas ao seu baixo *status* social.

Nesta perspectiva, assinala-se que a participação na guerra não era necessariamente voluntária. Tal ponderação está claramente explicitada no édito do líder Ras Gugsa⁷, onde podemos aferir: “Aquele que não se juntar ao exército de Gugsa - homem ou mulher - perderá respectivamente seu pênis ou seus seios”⁸.

Os historiadores estimam que somente na campanha de Adwa participaram entre 20.000 e 30.000 mulheres⁹. Conquanto a maioria tenha servido em tarefas de cunho não-militar, tais como a preparação dos alimentos e no cuidado aos feridos, um número significativo atuou como soldados, estrategistas, conselheiras, tradutoras e membros da inteligência. Mulheres oriundas da aristocracia trabalharam juntamente com servas e criadas, quebrando deste modo as normas de separação das classes.

Mulheres Combatentes e Estrategistas Militares

No Século XVII, num tempo em que na maior parte do mundo as mulheres estavam relegadas aos cuidados domésticos, o número de mulheres etíopes participantes de expedições militares para expulsar agressores estrangeiros estava em franca ascensão. Todavia, ainda que muitos decretos de guerra neste período encorajassem todos os etíopes a optar pelas atividades guerreiras, em 1691 o Imperador Iyasu emitiu uma das primeiras proclamações visando restringir o rápido crescimento do contingente de mulheres soldados. Vejamos o que os relatos nos mostram:

“O édito real proclamava que as moças do país não deveriam transitar montadas em mulas, pois nesta época as jovens tinham adotado a

⁶ Haile, Daniel. *Law and the Status of Women in Ethiopia*. African Training and Research Centre for Women. ECA. 1980.

⁷ Ras (“cabeça” em amárico) era um dos títulos honoríficos da antiga Etiópia, denominando os integrantes do alto escalão militar e da classe governante do país. Quanto a Ras Gugsa (? -1825), este foi um importante chefe da região de Begemder ou Gondar, situada no Nordeste do país (NT).

⁸ Aduugna, Minale. *Women and Warfare in Ethiopia*. Organization for Social Science Research in Eastern and Southern Africa. 2001.

⁹ *Ibid.*, 2001.

prática de fazê-lo apertando os cintos das suas camisas, cobrindo suas cabeças com seus *shammas*¹⁰ e segurando lanças nas suas mãos... marchando para o combate como se fossem homens”¹¹.

A Rainha Yodit é uma das destacadas lideranças femininas precocemente mencionadas nos relatos etíopes pelos êxitos alcançados no campo de batalha. Porém, bem sucedida em tomar o poder e colocar fim ao império aksumita¹², seus feitos militares foram ofuscados pela destruição, durante seu reinado, de muitas igrejas e outros sítios historicamente importantes, um período conhecido na voz do povo como *Era da Escuridão*.

Mais adiante, entre 1464-1468 e sob a liderança do Rei Zere Yaqob, a presença feminina em posições políticas tornou-se mais marcante. O historiador Richard Pankhurst pondera como Zere Yaqob estabeleceu “uma administração de mulheres através da indicação de suas filhas e parentes em províncias chave”¹³.

A Rainha Eleni, esposa do Rei Zere Yaqob, foi de igual modo uma temível e astuta estrategista militar. Ela foi diretamente responsável pela vinda, em 1520, de uma das primeiras missões diplomáticas dos portugueses¹⁴. Prevendo o apetite turco em invadir o litoral da Etiópia, ela estrategicamente propõe um ataque conjunto com os portugueses para deter os egípcios e os turcos otomanos. Sylvia Pankhurst¹⁵ menciona a carta escrita pela rainha aos portugueses, convidando-os para uma coalizão. Eis o teor do que a própria Rainha Eleni escreveu:

¹⁰ Tipo de toga tradicionalmente utilizada pelas mulheres etíopes (NT)

¹¹ Pankhurst, R. *The Ethiopian Woman in Former Times: An Anthology*. Addis Ababa. 1976.

¹² O Plateau da Abissínia assistiu ao surgimento de diversas formações estatais que historicamente formam uma linha de continuidade. A mais antiga destas remonta ao reino de *D'mt*, surgido ao longo do Iº Milênio AC, posteriormente sucedido por *Aksum*, pela *Abissínia cristã* e finalmente, pelo *Império da Etiópia*, no caso, um *avatar* contemporâneo de extenso elenco de homologias político-territoriais que se articularam neste trecho do maciço da África Oriental (NT).

¹³ Pankhurst, R. *A Social History of Ethiopia*. Addis Ababa University Press. 1990.

¹⁴ Adugna, Minale. *Women and Warfare in Ethiopia*. Organization for Social Science Research in Eastern and Southern Africa. 2001.

¹⁵ Fato pouco conhecido pelo público brasileiro, a famosa feminista britânica Sylvia Pankhurst (1882-1960), foi uma ardorosa defensora da Etiópia. Distinguindo-se no movimento *suffragete*, mais adiante Sylvia destacou-se pelo apoio incondicional à luta do povo etíope por sua liberdade e autodeterminação nacional. Deste modo, tornou-se amiga e conselheira do Imperador Haile Selassié. A convite deste, mudou-se para Adis-Abeba em 1956, onde morreu. Haile Selassié nomeou-a *etíope honorária* e trata-se do único cidadão estrangeiro sepultado na Catedral da Santíssima Trindade, situada no centro da capital da Etiópia, e isto, na ala reservada exclusivamente aos patriotas caídos em combate para expulsar os invasores fascistas italianos. Seu filho, Richard Pankhurst (1927-), é um acadêmico com larga especialização em estudos pertinentes à Etiópia (NT).

“Chegou aos nossos ouvidos [a notícia de] que o Sultão do Cairo reuniu um grande exército para atacar suas forças... contra o assalto destes inimigos, nós estamos preparados para enviar um bom número de homens armados que darão auxílio na região litorânea... Se vocês desejarem guarnecer mil navios de guerra, nós providenciaremos todo suprimento de comida necessário e equiparemos tal força com imensa abundância”¹⁶.

Nesta senda, os turcos foram estrondosamente derrotados. Anos mais tarde, a Rainha Seble Wongel sentiu-se à vontade para recorrer ao auxílio português para derrotar a expansão muçulmana na Etiópia, encabeçada por Ahmed Gagn¹⁷. Em Fevereiro de 1543, o exército da rainha está postado em Woina Dega. Lá, trava batalha com Gagn, que é morto durante o combate¹⁸.

Harold Marcus documenta a história da Rainha Worqitu como uma guerreira que auxiliou Menelik na sua conquista da coroa. Em 1865, a Rainha Worqitu, senhora de Wollo¹⁹, garantiu a Menelik uma rota segura através do seu território, permitindo ao futuro monarca escapar com sucesso de ser aprisionado pelo Rei Tewodros²⁰. Como resultado deste apoio, que assegurou a conquista do poder por Menelik, a Etiópia passou da condição de “terra de reis” para nação governada por um “rei dos reis”.

Provavelmente a mais famosa rainha envolvida em atividades militares foi a Imperatriz Taitu, esposa do Imperador Menelik II. Na batalha de Adwa, sabe-se que a Imperatriz Taitu comandou uma força de infantaria composta por não menos que 5.000 soldados, apoiados por 600 cavaleiros e acompanhados por milhares de mulheres etíopes²¹. Sua estratégia de cortar os suprimentos de água do exército invasor italiano, solapou a linha de frente inimiga.

Seguindo seu exemplo, Itege Menen participou com denodo nas batalhas que tomaram lugar durante a “Era da Princesa”. Lutando contra a incursão dos egípcios, temos o registro de que tinha sob seu comando 20.000 soldados²². Do mesmo modo, durante a ocupação italiana da Etiópia, a Princesa Romanworq

¹⁶ Pankhurst, Sylvia. *Three Ethiopian Notable Women*. Ethiopian Observer I. 1957.

¹⁷ Soberano do Sultanato de Adal, situado no que hoje é a Somália (NT).

¹⁸ Adugna, Minale. *Women and Warfare in Ethiopia*. Organization for Social Science Research in Eastern and Southern Africa. 2001.

¹⁹ Wollo é uma região histórica e uma província do Nordeste da Abissínia, cuja capital é a cidade de Dessie (NT).

²⁰ Marcus, Harold. *Menelik II: Leadership in Eastern Africa*. Boston University Press. 1968.

²¹ Zewde, Bahru. *A History of Modern Ethiopia*. 1991.

²² Adugna, Minale. *Women and Warfare in Ethiopia*. Organization for Social Science Research in Eastern and Southern Africa. 2001.

Haile Selassie manteve a tradição de mulheres que seguiam para o campo de batalha, lutando ombro a ombro com o marido²³.

Oficiais da Inteligência, Conselheiras e Tradutoras

Os serviços de inteligência foram vitais para que a Etiópia obtivesse vantagem no enfrentamento contra as forças da Itália Fascista. Também neste aspecto, as mulheres desempenharam papel significativo na coleta de informações. Com o estabelecimento do Comitê Central do *Wust Arbegnoch - Patriotas Internos*²⁴, mulheres ativistas contribuíram em prover os soldados com informações obtidas pela rede de espionagem, assim como munição, comida, vestuário e remédios²⁵.

Sylvia Pankhurst também registra como a patriota Shewa Regged organizou uma elite do serviço de inteligência etíope para obter armas enquanto conduzia combatentes da guerrilha para o sítio de Addis Alem com o objetivo de neutralizar uma fortificação italiana. Pankhurst resgata num relato biográfico, a determinação de Shewa Regged. Nas suas palavras: “Ela foi capturada pelos italianos e torturada com choques elétricos para obrigá-la a confessar a identidade dos seus companheiros. Entretanto, a despeito destas crueldades, ela se manteve em silêncio absoluto”²⁶.

É igualmente conhecido o desempenho da Rainha Taitu enquanto conselheira. O historiador R. Greenfield retrata o senso de cautela e previdência da Rainha, destacando os conselhos que concedeu ao Imperador Menelik e seus ministros relativamente à aproximação da invasão italiana. Ela advertiu:

“Não ceda nada. Tudo aquilo que você ceder hoje, será uma escada para que sua fortaleza seja alcançada no futuro, permitindo que amanhã os [invasores] italianos cheguem ao centro dos seus domínios. Se você estiver na iminência de perder territórios, perca-os pelo mínimo com o vigor certo das suas armas”²⁷.

²³ Ibid., 2001.

²⁴ Tradução literal. Refere-se aos grupos da resistência que fustigavam os invasores italianos, mantendo-os sob ataque incessante durante toda a ocupação (NT).

²⁵ Zewde, Bahru. *A History of Modern Ethiopia*. 1991.

²⁶ Pankhurst, R. *The Ethiopian Woman in Former Times: An Anthology*. Addis Ababa. 1976.

²⁷ Adugna, Minale. *Women and Warfare in Ethiopia*. Organization for Social Science Research in Eastern and Southern Africa. 2001.

Sua dedicação e a subsequente vitória na preservação da soberania etíope, lhe garantiu o título de *Berhane ZeEthiopia*. Isto é, *Luz da Etiópia*, prestigiosa menção que está registrada em seu selo oficial²⁸.

Quanto à Princesa Tsehay Haile Selassie, esta atuou e serviu ao seu país no papel de tradutora, acompanhando o Imperador na Liga das Nações²⁹, contribuindo desta forma na solicitação de apoio para a Etiópia por parte da Comunidade Internacional³⁰.

Todavia, o apelo caiu em ouvidos moucos. Enquanto a Liga silenciava, os italianos persistiram na invasão da última fortaleza da liberdade na África. Mergulhada nas hostilidades da guerra, deve-se à Imperatriz Menen a sentença: "Mulheres de todo o mundo: Exijamos com uma só voz que a honra deste inútil derramamento de sangue possa ser dispensada!"³¹.

Apoio dos não-combatentes

O papel das mulheres na história militar etíope permanecerá largamente desconhecido caso seu trabalho em funções não combatentes deixar de ser resgatado. Nesta perspectiva, deve ser pontuado que a maioria das mulheres dos segmentos mais pobres contribuíram firmemente para a defesa da Etiópia. Enquanto algumas levantavam o moral dos combatentes com músicas marciais populares ou com poesias, outras preparavam as refeições do dia-a-dia e cuidavam do bem-estar geral dos soldados.

O *Record* do soberbo período de independência desfrutado pela Etiópia seria incompreensível esquecendo-se o reconhecimento de que milhares de servas acompanharam homens e mulheres pertencentes aos quadros da aristocracia, batalha após batalha. Outrossim, auxiliares e criadas foram responsáveis pela obtenção e preparação dos alimentos e outras tarefas administrativas.

O viajante e escritor James Bruce enfatiza a diligência destas mulheres durante as expedições de guerra. Meritosamente, ele escreve:

²⁸ Pankhurst, R and Ingrams, Leila. *Ethiopia Engraved: An Illustrated Catalogue of Engravings by Foreign Travellers from 1681 to 1900*. 1988.

²⁹ Em 1936 o imperador Haile Selassié seguiu para Genebra, sede da Liga das Nações, numa última tentativa de deter a invasão da Itália Fascista. Apesar da Etiópia ser um país membro da organização, o que em tese lhe daria guarida diplomática, a Itália - passando por cima de sanções antes retóricas do que reais - manteve sua ofensiva no território etíope. Ocupado, *mas não conquistado*, o país foi transformado em parte da efêmera África Oriental Italiana, desmantelada em 1941 (NT).

³⁰ Aduugna, Minale. *Women and Warfare in Ethiopia*. Organization for Social Science Research in Eastern and Southern Africa. 2001.

³¹ 20. Ibid., 2001.

“Eu não conheço nenhum outro país onde as mulheres trabalhem tão duramente... é muito raro vê-las descansando no início da noite; mesmo sendo muito tarde, [elas] se mantêm a postos, trabalhando sem cessar até a meia-noite e freqüentemente, até mesmo antes que o galo faça seu canto. Apesar do cansaço das marchas, não importava quão tarde seja, a água é trazida, o combustível coletado e o jantar, preparado pelas esposas dos soldados... E antes do raiar do sol, carregando volumes enormes, elas se põem novamente em marcha”³².

Além disso, quando não envolvidas na gestão das tarefas cotidianas, as mulheres auxiliavam na manutenção das estradas, cavavam trincheiras e cuidavam dos feridos³³. Imbuída do mesmo espírito, durante a Guerra Italo-Etíope a Princesa Tsehay Haile Selassie ajudou a mobilizar mulheres de todas as classes sociais no esforço para distribuir máscaras antigases, roupas, rações e curativos para a população civil, visando protegê-la dos incessantes *raids* aéreos dos italianos e dos ataques com gás mostarda³⁴.

Na comemoração do 107º aniversário da Batalha de Adwa, é pertinente reconhecer as realizações das mulheres da Etiópia, que contribuíram para a criação de um singular sistema de defesa, de sucesso indiscutível no enfrentamento da agressão estrangeira.

Não durante alguns poucos anos. Mas durante séculos.

Autorizada a citação e/ou reprodução deste texto, desde que não seja para fins comerciais e que seja mencionada a referência que segue. Favor alterar a data para o dia em que acessou-o:

ALEHEGN, Tseday. Rainhas, espãs e soldados: a história das mulheres etíopes nas atividades militares. Tradução Maurício Waldman. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010. Disponível em: <http://www.africaeafricanidades.com/documentos/Rainhas_espias_soldados_mulheres_etiopes.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2010.

³² Pankhurst, R. *The Ethiopian Woman in Former Times: An Anthology*. Addis Ababa. 1976.

³³ Adugna, Minale. *Women and Warfare in Ethiopia*. Organization for Social Science Research in Eastern and Southern Africa. 2001

³⁴ Makin, W.J. *War Over Ethiopia*. 1935.